

## Xingu: entidades buscam soluções para proteger e recuperar rios



ISA/Divulgação

Renata Pincelli



## Mineiros do Tietê: apoio dos produtores é fundamental

## Ambiente: encontro discute ação de invasoras nos plantios



Roberto Resende



# JORNAL MataCiliar

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE  
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Ano 1 • Edição nº 5 • Setembro 2007

www.ambiente.sp.gov.br

ENTREVISTA

► **Lúcia Vidor de Souza Reis**

“No longo prazo, diante de um sistema preventivo associado ao reflorestamento, o custo do tratamento de água pode ser reduzido e compensado por outras formas de manejo sustentável.”

## Em busca de sementes para as matas ciliares

Para enfrentar a falta de sementes de mudas de espécies nativas para o plantio, o **Projeto de Recuperação de Matas Ciliares**, da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, criou o **GT Sementes** que, em conjunto com a **Rede**

**de Sementes Florestais Rio - São Paulo**, procura alternativas para diminuir o problema. De

acordo com o engenheiro florestal, Renato Lorza, se todos os proprietários de áreas ribeirinhas no Estado de São Paulo resolvessem recuperar as matas ciliares em suas propriedades, ao mesmo tempo, não haveria sementes suficientes para isso. “Existe uma demanda estimada de mais de um milhão de hectares de matas ciliares a serem recuperadas. Mas, se esta demanda vier a se realizar, a estrutura atual e a capacidade de oferta de sementes estão muito aquém das necessidades”, afirma Lor-

za, que faz parte da Fundação Florestal e também coordena a rede.

A Rede de Sementes existe desde 2001 e é uma parceria entre instituições públicas e privadas do Rio de Janeiro e de São Paulo, cujo objetivo é aumentar a oferta de sementes florestais nativas do eixo de floresta ombrófila densa (basicamente a Serra do Mar), entre os dois Estados. Deve atuar gerando informações via internet sobre o assunto; contribuir para normatizar as atividades de produção; capacitar profissionais; criar subsídios para a formulação de políticas públicas e oferecer produtos e serviços. Segundo Lorza, a Rede se articula ainda com outras oito, em todo o País, inclusive com a Rede de Sementes da Floresta Estacional do Estado de São Paulo.

O engenheiro florestal, que coordena o grupo de trabalho sobre regulamentação da colheita de sementes em Unidades de

Conservação (UCs) do Projeto Mata Ciliar (GT Sementes), explica que podem ser necessárias entre 1.700 e 2.000 mudas para reflorestar um hectare. Considerando que, em média, para se ter mil mudas é preciso um quilo de sementes, a recuperação das matas ciliares do Estado demandaria milhares de toneladas de sementes. A produção atual, regularizada, em São Paulo,

**Para dar conta da necessidade de sementes, foi criado o GT Sementes que, em parceria com a Rede, tenta suprir essa demanda para o Projeto Mata Ciliar**

hoje não chega a dez toneladas por ano. “Mesmo com dinheiro disponível, a capacidade de produção não é suficiente e, se a demanda aumentar muito rapidamente, corremos o risco de comprometer a qualidade das sementes e provocar pressão sobre os remanescentes florestais”, diz Lorza. Por conta disso, o Projeto Mata Ciliar resolveu enfrentar o pro-

blema desde já por meio do GT Sementes e em parceria com a Rede.

Atualmente, não existe conhecimento suficiente sobre a quantidade de sementes que pode ser retirada de uma floresta sem comprometer a sua qualidade. Desde 2003, o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças (Lei Federal 10.711) regula a atividade, estabelecendo controle de origem, responsável técnico, enquadramento em categorias de produção e necessidade de registros no Ministério da Agricultura. Essa legislação, feita com a colaboração das Redes de Sementes, mostrou a importância crescente do setor e possibilitou que se pensasse em regulamentar a coleta, com uso controlado, nas UCs.

Segundo Lorza, antes de apelar para coletas em UCs, devem-se estimular todas as outras formas de obter sementes em outros fragmentos e é justamente esse o papel das Redes. Desde a regulamentação estadual (atualmente Resolução SMA 8/2007), que estabeleceu a necessidade do uso de alta diversidade de espécies em projetos de recuperação, a produção de mudas já subiu e se

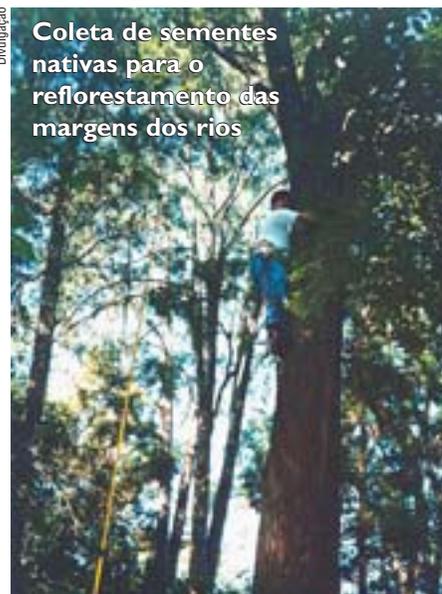
diversificou muito em São Paulo. “Mesmo assim, em muitas regiões, cumprir o mínimo estipulado pela legislação é uma tarefa hercúlea”, acredita Lorza.

Por isso, a coleta em UCs, hoje só liberada para pesquisa científica, pode ser uma alternativa para suprir a necessidade ambiental. “A proposta de normatização deverá estar pronta em novembro e deve estipular que a coleta poderá até ser terceirizada, mas não existirá a apropriação particular do produto, ou seja, não poderá obter lucro”, diz o engenheiro florestal.

Entre as instituições que compõem a Rede de Sementes Rio - São Paulo estão, além da Fundação Florestal, o Instituto Florestal, o Instituto de Botânica, o Ibama/SP (Lorena), as organizações não-governamentais Ecoar, Flora Tietê, Florestal Cantareira, Serra Acima e Oikos, além da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o Instituto de Desenvolvimento e Ação Comunitária (Idaco), do Rio de Janeiro. Mais informações sobre a Rede podem ser obtidas no site [www.sementesriosoaopaulo.sp.gov.br](http://www.sementesriosoaopaulo.sp.gov.br)

Divulgação

Coleta de sementes nativas para o reflorestamento das margens dos rios



Arquivo do IF



Mostruário de sementes do Instituto Florestal

# No Xingu, um exemplo de recuperação das matas ciliares

A falta de mata ciliar, infelizmente, não é um privilégio das regiões de Mata Atlântica e do Cerrado, dois biomas presentes no Estado de São Paulo. Também na Amazônia o desmatamento já começa a comprometer algumas bacias. Uma delas é a Bacia do Rio Xingu, uma das principais dos Estados de Mato Grosso e do Pará, com uma área de 51,1 milhões de hectares (o equivalente a dois estados de São Paulo) e que engloba o Parque Indígena do Xingu (PIX), no qual vivem atualmente cerca de 4.700 índios de 14 etnias diferentes.

Dentro do Parque – localizado em uma área de transição entre a Floresta Amazônica e os Cerrados do Planalto Central – o Rio Xingu está muito bem preservado.

**O desmatamento da Amazônia está assoreando os rios e matando os peixes**

No entanto, suas nascentes localizam-se fora dos limites do Parque, em áreas desmatadas e assoreadas. Fotos aéreas da região mostram o PIX como um oásis verde vizinho a solos devastados. O problema já vem afetando a qualidade das águas e

**Desde 2004, várias entidades buscam soluções para proteger e recuperar as matas ciliares do Rio Xingu**

reduzindo a quantidade de peixes consumidos pelos índios dentro de suas terras.

Diante dessa situação, em 2004, várias entidades mobilizaram-se para proteger e recuperar as matas ciliares das nascentes do Rio Xingu em Mato Grosso, por meio de uma campanha chamada *Y Ikatu Xingu* (água limpa, na língua Kamaiurá). Um dos projetos resultantes dessa mobilização, coordenado pelo Instituto Socioambiental (ISA), em parceria com a Universidade do Estado de Mato Grosso e o Instituto Ambiental da Amazônia

(Ipam), é a recuperação das matas ciliares da microbacia do Rio Pacas, afluente do Rio Suiá-Miçu, um dos maiores formadores do Xingu.

O projeto experimental de recuperação de matas ciliares nessa microbacia baseia-se nos resultados de um seminário realizado com pesquisadores, em abril de 2006, durante o qual discutiram-se técnicas para a recuperação de matas ciliares, levando em consideração os vários ambientes e as diferentes situações de degradação. É bom lembrar que microbacia, nos parâmetros amazônicos, significa uma área de 250 mil hectares. O trabalho resultou na publicação *Cuidando das águas e matas do Xingu*, um manual técnico para restauração de matas ciliares da Bacia do Rio Xingu, que estão sendo utilizados nos projetos de restauração de Áreas de Preservação Permanente (APPs), principalmente as com matas ciliares, na Bacia do Rio das Pacas. Além de dados gerais sobre a Bacia do Xingu e a legislação ambiental, a cartilha mostra o caminho para restaurar a vegetação. Mui-

tas das técnicas são válidas para qualquer projeto de recuperação.

Os projetos de recuperação de matas ciliares estão sendo feitos em duas fazendas e em dois assentamentos rurais dos Rios Darro e Sete de Setembro, que pertencem à microbacia do Rio das Pacas. Um dos destaques do projeto é a implantação dos módulos de restauração florestal nas duas propriedades rurais que, juntas, somam mais de 30 mil hectares. Um desses fazendeiros, da Fazenda Dois Americanos, consentiu em tirar o gado da beira do rio e colocar uma cerca, deixando um corredor único de acesso do gado para a água, o que resultou em mudança na demarcação da faixa de Área de Proteção Permanente (APP) para além da faixa prevista pelo Código Florestal, resultado que representa um importante avanço. Na outra fazenda, a Estrela Dalva, que exporta algodão, o proprietário construiu um viveiro de mudas para incrementar o processo de restauração e colocou à disposição um funcionário da fazenda para cuidar disso, revelando



Entidades mobilizam-se para recuperar a nascente do Rio Xingu, comprometida pelo desmatamento

a vontade dos fazendeiros em integrar aspectos de conservação e de produção.

Nos assentamentos, 20 parceiros dos assentamentos Jaraguá (sub-bacia do Rio Sete de Setembro) e Brasil Novo (sub-bacia do Rio Darro) envolveram-se no estabelecimento de sistemas agroextrativistas, para que eles possam ter um ganho econômico na recupera-

ção das matas ciliares, através de espécies da região que agregam valor. O diagnóstico e o planejamento participativo, com visitas a cada agricultor em seus lotes e reuniões em grupo, aumentaram o envolvimento dos agricultores e suas famílias, a partir de iniciativas próprias de recuperação das matas ciliares e proteção da água. ►

## Controle de invasoras em discussão

A falta de modelos bem-sucedidos para combater a invasão de algumas espécies de gramíneas – como brachiária (*Brachiaria sp.*), capim-colonião (*Panicum maximum Jacq.*), capim napiê (*Pennisetum purpureum Schumacher*) e capim-gordura (*Melinis minutiflora*) – foi identificada pela equipe do Projeto de Recuperação de Matas Ciliares como uma das maiores barreiras aos plantios. Para discutir o tema, aconteceu, no dia 18 de julho, o primeiro Encontro Técnico, que teve como objetivos contribuir com estratégias de recuperação das matas ribeirinhas no Estado de São Paulo e proporcionar a troca de experiências e pro-

postas de metodologias para o combate a invasoras entre especialistas do tema e técnicos responsáveis pelo Projeto Mata Ciliar.

O problema ocorre porque uma porcentagem significativa das áreas destinadas à recuperação encontra-se integralmente revestida por gramíneas, dificultando o preparo do solo e o plantio das espécies florestais. Outro aspecto negativo, quando prolifera esse tipo de vegetação nas áreas em recuperação, é a competição por luz e nutrientes, que se estabelece com as mudas plantadas. O custo de implantar e de manter essas áreas torna-se elevado e o sucesso do plantio fica, muitas vezes, comprometido.

O assunto foi discutido sob diferentes enfoques, para facilitar a síntese das experiências. As práticas e indicações técnicas citadas no encontro serão incorporadas, experimentalmente, em diferentes plantios, nas 15 microbacias onde o Projeto Mata Ciliar atua.

Dentre as recomendações, está o cultivo intercalado com as espécies florestais, com a introdução de plantas anuais ou leguminosas, destinadas à adubação verde, que podem exercer papel bastante positivo ao fixar nutrientes ao solo e competir, mediante sombreamento, com as invasoras. O feijão-de-porco mostrou um ótimo resultado, em estudo conduzido pela

Esalq/USP. Outras possibilidades seriam o uso de crotalária, do feijão-guandu ou, ainda, de um coquetel, que seria a mistura de diferentes leguminosas e, eventualmente, outros gêneros de plantas fixadoras de nitrogênio.

Algumas técnicas para o controle de invasoras e conservação de solo também foram recomendadas, tais como: cultivo mínimo (deve ser preparado o solo apenas nas linhas de plantio e, nas entrelinhas, somente se estiver previsto o plantio de leguminosas); capina seletiva (prática indicada para controle de invasoras, onde a infestação é localizada); destoca (prática indicada para áreas com intensa



Capim-Colonião em Mineiros do Tietê dificulta o preparo do solo para a recuperação da mata ciliar

infestação de gramíneas, em especial da brachiária, no momento de preparo do solo); também foi recomendado o plantio com espaçamento 3x1 para aumentar a quantidade de mudas e, com isso, evitar a infestação de gramíneas. Em relação aos agrotóxi-

cos, embora haja consenso sobre a sua eficiência no controle de invasoras, existem controvérsias sobre os impactos ambientais. Por isso, foi recomendado um estudo amplo e abrangente sobre o assunto, em especial em relação à qualidade da água. ►

# Mineiros do Tietê conquista apoio de produtores para recuperar mata ciliar

A primeira fase do Projeto de Recuperação de Matas Ciliares, na microbacia do Médio Ribeirão São João, no Município de Mineiros do Tietê, região central do Estado de São Paulo, já foi concluída, com o plantio de 1,36 hectare de matas ciliares, em quatro propriedades, num total de 1.816 mudas. Essa microbacia faz parte da bacia hidrográfica Tietê/Jacaré e sofre as consequências do sistema de produção agrícola tradicional, sobretudo da monocultura canavieira, que provoca a degradação das matas ciliares; assoreamento e contaminação (devido ao uso inadequado de defensivos químicos) dos cursos d'água; erosão de níveis superficiais, até os mais drásticos. A região também sofre com problemas de erosão e assoreamento de nascentes, devido à falta de infraestrutura básica de recolhimento das águas das chuvas em alguns bairros da cidade, que ficam no entorno da microbacia, além da deposição de lixo residencial, comercial e industrial nas proximidades dos cursos d'água.

Segundo Irene Tozzi, supervisora do Projeto na Bacia Tietê/Jacaré, os maiores parceiros em Mineiros do Tietê são a prefeitura, que cedeu um espaço no Departamento de Meio Ambiente; e a MAE Natureza, organização não-governamental gestora do projeto no Médio Ribeirão São João. "A parceria com a prefeitura tem facilitado algumas operações dos plantios, por exemplo, no tocante ao empréstimo de alguns equipamentos. Quando foi necessária a irrigação, também nos foi cedido o tanque", relata



Irene. Além disso, a prefeitura deve realizar pequena obra, em uma estrada municipal, a montante de duas áreas a serem recompostas na segunda fase do projeto, para minimizar a contenção de sedimentos provenientes de práticas inadequadas de conservação de solo em áreas de plantio de cana-de-açúcar. "As adequações completas só poderão ser feitas em prazos mais longos, a partir de reformas dos canaviais, demandando empenho dos proprietários e da Secretaria da Agricultura, parceira da Secretaria do Meio Ambiente, no Projeto Matas Ciliares", explica Irene.

**A conscientização dos produtores rurais de Mineiros do Tietê foi fundamental para concluir a primeira fase do Projeto de Recuperação de Matas Ciliares**

De acordo com a diretora do Departamento de Meio Ambiente de Mineiros do Tietê, Marisilvia Rosseto, engenheira da prefeitura, já foram feitos o projeto e o orçamento das obras para conter as enxurradas e falta, apenas, a palavra final da equipe do projeto para iniciar as reformas. Marisilvia costuma acompanhar a equipe em visitas e nas conversas com os agricultores, para ajudar a esclarecer as dúvidas sobre o projeto.

Isso porque, em um primeiro momento, os produtores ficaram receosos com a iniciativa, como conta Sebastião Aparecido Giraldi, agricultor que se engajou diretamente no plantio. "Quando falaram que iam tirar 30 metros de terras perto do rio, os agricultores se assustaram, mas depois viram que traz melhoria e não prejuízo. Agora, já tem gente procurando para também plantar."

Giraldi diz que já fazia parte da Casa da Lavoura em Mineiros e que resolveu colaborar com o projeto porque era uma oportunidade de trabalho. Duas das propriedades nas quais houve o plantio pertencem à sua família, a do tio Cláudio Benedito Giraldi e a do irmão Telailson Antônio Giraldi. "As matas protegem as nascentes. O problema é que acordaram tarde, esperaram acabar com tudo para plantar onde já tinha. Agora, para que nossos filhos e netos tenham árvores, tem que plantar", alerta o agricultor.

A bióloga Gisele Marconato, da MAE Natureza, confirma que, depois do primeiro plantio, vários produtores procuraram a equipe para participar. A ONG de Barra Bonita, município vizinho a Mineiros do Tietê, foi convidada para ser a gestora do projeto, porque não havia uma instituição local para assumir essa coordenação. "O resultado dessa primeira fase foi muito bom, pois os agricultores moram nas propriedades e nos ajudam muito. Realizamos, inclusive, um curso de capacitação, pois estão acostumados a plantar cana e café e não mata ciliar. Agora, estamos entrando na fase de manutenção do plantio". Mais informações pelo tel.: (11) 3133-3039.



Abertura de covas, colocação de hidrogel e calcário para o plantio das mudas



Diversas espécies de mudas são plantadas nas covas conforme modelo programado



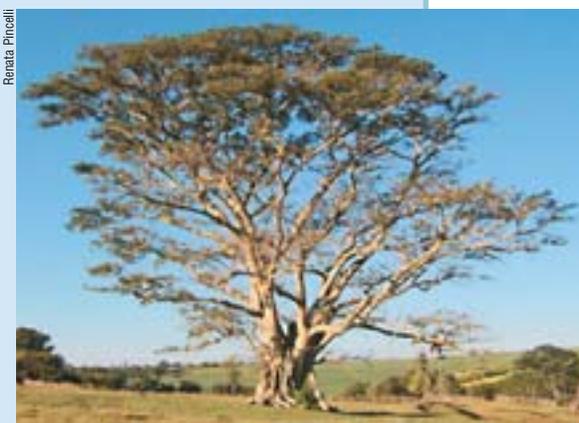
Área plantada em linhas, com 'cobertura morta' ao redor para reter a umidade

## Um município cheio de tradições

Mineiros do Tietê surgiu em meados do século XIX, quando algumas famílias, vindas da província de Minas Gerais, se instalaram nas margens dos Ribeirões São João e do Peixe. Nessa época, predominavam a criação de gado e a plantação de cana-de-açúcar, mandioca e algodão. Nas décadas de 1940 e 1950, o café passou a dominar o cenário agrícola na região, cultivado geralmente em consórcio com outras culturas de subsistência e com a banana, também um importante produto da época. Nos anos 1960, os canaviais começaram a substituir os cafezais e, na década de 1970, fortaleceram-se graças aos incentivos do Pro-álcool. Nesse período, intensificou-se o corte das matas para dar lugar à agricultura.

Atualmente, apesar do domínio da cana, permanecem, na microbacia, os cultivos de café, milho, feijão, hortaliças e a criação de gado.

A microbacia do Médio Ribeirão São João tem 64 produtores rurais, dos quais 45 são pequenos agricultores, sete são de médio porte e 12 são considerados de grande porte. A monocultura canavieira levou ao êxodo rural, promovendo mudanças sociais, culturais, econômicas e ambientais. O município mantém, ainda, algumas tradições ligadas ao modo de vida rural, como a Festa de Santo Antônio, a mais importante e



Figueira centenária na entrada de Mineiros do Tietê

antiga da cidade, e a lenda do Unhudo, um ser semelhante a um homem, com enormes unhas, barba comprida, peludo e muito feio, que atacava as pessoas que iam apanhar jabuticabas-do-mato no Morro da Pedra Branca, na zona rural do bairro Baixão da Serra, próximo ao Rio Tietê.

# BANCO DE ÁREAS

Se você possui áreas degradadas e deseja recuperá-las sem custo, acesse o site : [www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar](http://www.ambiente.sp.gov.br/mataciliar)

BANCO DE ÁREAS PARA RECUPERAÇÃO FLORESTAL

# Cobertura vegetal x preço do tratamento de água

**P**esquisa feita pela engenheira civil e sanitarista Lúcia Vidor de Souza Reis mostra que o custo do tratamento da água é mais caro nas bacias hidrográficas com menores índices de cobertura florestal. Funcionária da Companhia de Saneamento Ambiental de São Paulo (Cetesb) há 21 anos – dos quais os últimos 11 na Agência de Piracicaba – a engenheira mostrou que o percentual de cobertura florestal pode ser usado como um dos indicadores na avaliação da qualidade de um manancial de abastecimento.

O trabalho determinou os custos do tratamento da água proveniente de bacias hidrográficas com diversos percentuais de cobertura florestal, por meio da análise das características operacionais de diversas Estações de Tratamento de Água (ETAs) e



Pesquisa mostra relação entre a vegetação e o preço de tratamento de água

suas respectivas captações. Para seis dos sete sistemas e ETAs estudados, o custo específico com produtos químicos eleva-se com a redução do percentual de cobertura florestal da bacia de abastecimento.

O estudo tem como enfoque a região de Piracicaba, onde, em 2000, o Rio Piracicaba deixou de ser o principal manancial de abastecimento público do mu-

nício, por conta da perda de qualidade de suas águas, dos altos custos do tratamento, e da impossibilidade de garantir água de consumo humano de qualidade. A pesquisa tinha por objetivo, também, analisar a qualidade das águas do Rio Corumbataí, novo manancial eleito para Piracicaba.

Os resultados mostram que as três unidades com

custos específicos de produtos químicos mais baixos, inferiores a R\$20,00 / 1.000m<sup>3</sup> de água tratada, são aquelas que possuem maiores índices de cobertura florestal e todos superiores a 15%. As duas unidades com os menores percentuais de vegetação, ambos abaixo de 10%, apresentam os mais altos custos específicos de produtos químicos. ▶



Divulgação

## Importância da vegetação

**A** engenheira civil e sanitarista Lúcia Vidor de Souza Reis, agente ambiental da Cetesb em Piracicaba, fala sobre a relação entre a cobertura vegetal e a qualidade ambiental das bacias hidrográficas, tema de sua tese de doutorado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq/USP).

**Jornal Mata Ciliar – Por que o percentual de cobertura florestal de uma bacia hidrográfica é um dos indicativos na avaliação da qualidade de um manancial?**

**Lúcia Vidor de Souza Reis** – Na verdade, os segmentos floresta e água estão associados, quando se pensa em equilíbrio de ecossistema. A floresta protege o solo da ação de intempéries; segura o processo erosivo que arrasta sedimentos para os cursos de água, dentre outras funções. Quanto maior o percentual de cobertura florestal de uma bacia hidrográfica, menor a interferência antrópica. A mata ciliar, “pedacinho” particular da floresta, que é característica de faixa de mata que margeia os rios, funciona também como elemento filtrante e a camada de solo sobre a qual ela se encontra é capaz de reservar água, para que, nos períodos de estiagem, essa reserva flua para o corpo d’água e atenua os efeitos da estiagem, dando aos cursos vazões menos críticas e mais regulares.

**JMC – Em seu trabalho, você faz a relação entre custo de tratamento de água e percentual de cobertura florestal da bacia. Qual foi a conclusão?**

**LVSR** – Foram analisados os custos específicos operacionais das Estações de Tratamento de Água (ETAs) referentes ao uso da energia elétrica, de produtos químicos e o volume de lodo gerado em uma ETA. A relação do custo específico de produtos químicos na ETA com o percentual de cobertura florestal da bacia de abastecimento foi a relação mais regular, obtida dentre os segmentos de custos específicos analisados. Para seis, dos sete sistemas e ETAs estudadas, o custo específico com produtos químicos eleva-se com a redução do percentual de cobertura florestal da bacia de abastecimento. Dentre os sistemas e ETAs estudados, o Rio Piracicaba, cuja bacia possui o menor percentual de cobertura florestal, tem o maior custo de uso específico de produtos químicos.

**JMC – Em que medida a recuperação de matas ciliares pode ajudar a melhorar a qualidade da água de uma bacia?**

**LVSR** – A recuperação de matas ciliares pode ajudar a melhorar a qualidade da água de uma bacia, no entanto, é muito importante que esse trabalho seja desenvolvido a partir das microbacias, nas áreas de solos mais frágeis, com ênfase nas áreas degradadas de cabeceiras, de forma que os reflexos possam aparecer na qualidade das águas da bacia. Ou seja, no longo prazo, diante de um sistema preventivo associado, dentre outras medidas, ao reflorestamento, o custo do tratamento de água pode ser reduzido e compensado por outras formas de manejo sustentável, para uma bacia de abastecimento público. ▶

## A G E N D A

### MUTIRÃO VERDE

Com o objetivo de sensibilizar o cidadão para a preservação ambiental e incentivar posturas positivas diante das florestas e do verde nas cidades, a Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo promove no dia 21 de setembro, Dia da Árvore, o Mutirão Verde. Comunidades, organizações não-governamentais, empresas e governos municipais estão convidados a participar de uma série de ações pelo verde, em todo o Estado de São Paulo. Mais informações no site [www.ambiente.sp.gov.br/mutiraoverde](http://www.ambiente.sp.gov.br/mutiraoverde)

### CONGRESSO DE BOTÂNICA

O 58º Congresso Nacional de Botânica acontece entre os dias 28 de outubro e 2 de novembro, no Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo. *A Botânica no Brasil: Pesquisa, Ensino e Políticas Públicas Ambientais* é o tema central. O evento contará com mais de 250 palestrantes, em 30 palestras magistrais, plenárias, 52 simpósios e 22 minicursos, incluindo um sobre matas ciliares. A realização é da Sociedade Botânica do Brasil, com a promoção do Jardim Botânico de São Paulo e do Instituto de Botânica. Inscrições e informações no site [www.58cnbot.com.br](http://www.58cnbot.com.br)

### COLHEITA DE SEMENTES

Entre os dias 23 e 24 de outubro, o grupo técnico sobre Regulamentação da Colheita de Sementes em Unidades de Conservação, realiza workshop sobre o tema para finalizar a proposta de regulamentação da colheita de sementes em Unidades de Conservação (UCs). O evento acontece no Anfiteatro do Instituto de Botânica, em São Paulo. Informações no site [www.sementesriosoapaulo.sp.gov.br](http://www.sementesriosoapaulo.sp.gov.br)

### RÁDIOS QUE TRANSMITEM O PROGRAMA SINTONIA VERDE, DO PROJETO DE RECUPERAÇÃO DAS MATAS CILIARES, NA BACIA TIETÊ/JACARÉ

<b>Araraquara</b> RÁDIO UNIARA 100,1 FM	<b>Ibitinga</b> RÁDIO IBITINGA 1.110 AM	<b>São Carlos</b> RÁDIO DE SÃO CARLOS 1.450 AM
<b>Barra Bonita</b> RÁDIO NOVO SOM 89,1 FM	<b>Paulista OT</b> RÁDIO METEREOLOGIA 4.845KHz	<b>RÁDIOS COMUNITÁRIAS</b>
<b>Bauru</b> RÁDIO AURI VERDE 760 AM	<b>RÁDIO TERNURA</b> 99,3 FM	<b>Bocaina</b> ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE APOIO ÀS ENTIDADES DE BOCAINA 104 MHz
<b>RÁDIO UNESP</b> 105,7 FM	<b>Igarapé do Tietê</b> RÁDIO CANOA GRANDE 1.340 AM	<b>Igarapé do Tietê</b> RÁDIO ECLUSA FM 87,9 MHz
<b>RÁDIO VÉRITAS</b> 102,7 FM	<b>Jaú</b> RÁDIO PIRATININGA 1.070 AM	<b>Itapuí</b> RÁDIO COMUNITÁRIA VERDE É VIDA FM 87,9 MHz
<b>Brotas</b> RÁDIO BROTENSE 1.180 AM	<b>Lençóis Paulista</b> VENTURA FM 90,1 FM	
<b>Dois Córregos</b> RÁDIO CULTURA DE DOIS CÓRREGOS 990 AM	<b>Pederneiras</b> RÁDIO CULTURA 1.550 AM	

### CARTAS e E-MAILS

Correspondências com sugestões e críticas podem ser enviadas para:

**JORNAL MATA CILIAR**  
R. Teixeira e Souza, 114 - Água Branca  
CEP: 05003-050 - São Paulo - SP  
Tel.: (11) 3672-2100

E-mail:  
[matasciliares@ambiente.sp.gov.br](mailto:matasciliares@ambiente.sp.gov.br)



SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE

